



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VÍNCULOS TERRITORIAIS E IDENTIDADES NO BAIXO SÃO FRANCISCO ALAGOANO

TERRITORIAL LINKS AND IDENTITIES IN ALAGOAS LOW SÃO FRANCISCO

Fernanda Gomes Lemos
ferrnandagomes@hotmail.com
Universidade Federal de Alagoas
Brasil

Auceia Matos Dourado
auceiam@hotmail.com
Universidade Federal de Alagoas
Brasil

Clyvya Dayanne Pereira dos Santos
pereiraclvyya@hotmail.com
Universidade Federal de Alagoas
Brasil

Jessica Luciane Nascimento
jessicalunascimento1288@gmail.com
Universidade Federal de Alagoas
Brasil

Gleiciara Pereira Santos
gleicepereiras@outlook.com
Universidade Federal de Alagoas
Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

A pesquisa intitulada “Viver e pertencer: vínculos territoriais e identidades no Baixo São Francisco alagoano” foi pensada buscando compreender os referenciais que norteiam os processos de construção identitária nas comunidades rurais ribeirinhas do Baixo São Francisco alagoano, a saber, o espaço de referência identitária e a consciência socioespacial de pertencimento. Assim considera-se o rio São Francisco como elemento da organização socioespacial dessas comunidades, pois além de representar a sobrevivência dessas populações, é também fonte de significados afetivos, simbolizações, uma vez que existe “[...] uma profunda e rotineira relação das pessoas com o rio [...]”. Neste viver de águas, os moradores do rio São Francisco e de suas margens se articulam permanentemente para criar espaços e condições de vida, de reprodução cultural e social” (SOUZA, 2013, p. 228). Esse viver e conviver com o rio assinala que há um profundo enraizamento dessas populações com Velho Chico. Destarte é essencial entender as relações dessas populações com seu espaço de referência, as identidades construídas, os vínculos territórios estabelecidos, as formas de apropriação desse território e sua interação com o ambiente, a partir do qual se organizam e produzem uma vida material e imaterial. A metodologia da pesquisa guia-se pelos pressupostos da abordagem qualitativa que tem na busca pelos significados sua preocupação fundamental e o ambiente natural como a fonte direta dos dados. O pesquisador nessa abordagem é um instrumento-chave, preocupado, sobretudo com o processo e não simplesmente com os resultados e produtos. Assim para registrar e interpretar as estratégias de permanências e reprodução dessas comunidades e as formas de apropriação desses territórios, que se expressam como territorialidades subjetivas e objetivas, utilizou-se procedimentos descritivos e narrativos, além de análises com base na indução (TRIVIÑOS apud BOGDAN, 1987). Assim têm-se como ponto de referência para as análises, as situações do cotidiano, as vivências com o território e as formas de apropriação do mesmo, como lugar de vida e de trabalho, abrigo e recurso (CRUZ, 2006; HAESBAERT, 2005). As observações realizadas nas comunidades, com destaque para os povoados Sudene, Potengy, Retiro, Pixain e Penedinho no município de Piaçabuçu e Ponta Mofina no município de Penedo, demonstram que há um profundo enraizamento dessas comunidades com território do rio, que se constitui não só como fonte de sobrevivência, mas como elemento essencial para a construção identitária. O rio é espaço físico, social e simbólico. Os ribeirinhos estão unidos ao rio pela sua finalidade numa relação de domínio funcional-estratégico, mas também se apropriaram desse espaço pelo simbolismo e pela afetividade.

Palavras-chave: Território. Apropriação. Identidades.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

The research entitled "Living and belonging: territorial links and identities in Low São Francisco of Alagoas" was designed to understand the reference points that guide the processes of identity construction in the rural communities of Low São Francisco of Alagoas, namely, the area of identity and the socio-spatial awareness of belonging. Thus, the São Francisco river is considered an element of the socio-spatial organization of these communities. Besides representing the survival of these populations, it is also a source of affective meanings, symbolizations, since there is "[...] a deep and usual relations between that people and the river [...]. In this water life, the residents of the São Francisco river and its banks are permanently articulated to create spaces and living conditions, cultural and social reproduction." (SOUZA, 2013, p. 228). This living process with the river indicates that there is a deep rooting of these populations with Velho Chico. Thus it is essential to understand the relations of these populations with their space of reference, the identities built, the established territorial ties, the forms of appropriation of that territory and their interaction with the environment, from which they organize and produce a material and immaterial life. The methodology of the research is guided by the assumptions of the qualitative approach that has, on looking for meanings, its fundamental concern and the natural environment as the direct source of data. The researcher in this approach is a key instrument, concerned, above all with the process and not simply with the results and products. In order to record and interpret the strategies of permanence and reproduction of these communities and the forms of appropriation of these territories, which are expressed as subjective and objective territorialities, descriptive and narrative procedures were used, as well as analysis based on induction (TRIVIÑOS *apud* BOGDAN, 1987). Thus, as a reference point for analyzes, everyday situations, experiences with the territory and the forms of appropriation of the same, as a place of life and work, shelter and resource (CRUZ, 2006; HAESBAERT, 2005). The observations made on the communities, highlighting the villages Sudene, Potengy, Retiro, Pixain and Penedinho in the municipality of Piaçabuçu and Ponta Mofina in the municipality of Penedo, demonstrate that there is a deep rooting of these communities with territory of the river, which constitutes not only as a source of survival, but as an essential element for the construction of identity. The river is physical, social and symbolic space. The riparian people are united to the river for their purpose in a relation of functional-strategic dominion, but also appropriated this space by symbolism and affectivity.

Keywords: Territory. Appropriation. Identities.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. **Introdução**

O trabalho em questão intitulado “Vínculos territoriais e identidades no Baixo São Francisco Alagoano” alicerçado nas categorias de território, identidade, pertencimento e vínculos territoriais, parte da hipótese que as populações que vivem às margens do rio São Francisco desenvolvem uma estreita relação com o rio. O rio se apresenta como um meio de vida, mas também é fonte de significados. Destarte considera-se que o São Francisco é um espaço de referência identitária (espaço físico, social e simbólico), e pelo pertencimento, se afirma uma consciência socioespacial, ou seja, no sentido de pertença e de simbolização (CRUZ, 2006; 2007; 2011).

Assim considerando esses pressupostos, questiona-se: qual o significado do rio São Francisco para as comunidades ribeirinhas? Como se expressa a apropriação do rio? Quais são as referências culturais? Como são construídas as territorialidades nessas comunidades? Como se expressam os vínculos territoriais?

Nesse sentido o trabalho em questão tem como objetivo compreender os referenciais que norteiam os processos de construção identitária nas comunidades rurais ribeirinhas do Baixo São Francisco alagoano, a saber, o espaço de referência identitária e a consciência socioespacial de pertencimento. De modo mais específico é essencial entender como essas populações se relacionam com seu espaço de referência, as identidades construídas, os vínculos territórios estabelecidos. Para responder aos objetivos, o trabalho centra suas análises em duas comunidades ribeirinhas do Baixo São Francisco alagoano: Sudene (município de Piaçabuçu) e Catrapó, (município de Penedo).

O artigo é parte de uma pesquisa de Iniciação Científica¹, já concluída, desenvolvida entre Agosto de 2016 a Julho de 2017, e que tem como título “Viver e pertencer: vínculos territoriais e identidades no Baixo São Francisco alagoano”. O projeto tem como recorte espacial as comunidades ribeirinhas que estão situadas nos municípios de Penedo, Piaçabuçu e Igreja Nova, municípios estes, que estão sob influência da foz do rio São Francisco.

¹ Pesquisa PIBIC/UFAL/FAPEAL – Programa de Iniciação científica. Ciclo 2016/2017.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. Marco teórico/marco conceitual

O marco conceitual que baliza o trabalho, tem como referência as categorias de território, identidade territorial e vínculos territoriais. Esses conceitos, e suas expressões sobretudo as territorialidades são essenciais para compreensão do objeto de estudo tratado nesse texto.

Nesse sentido, parte-se da compreensão que o território, é produto das relações, num tempo histórico e que “[...] desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica” (HAESBAERT, 2012, p. 95-96). Um espaço, que é apropriado de modo funcional e também simbólico, por meio da valorização, apreendida como processo histórico. Nesse processo reverifica-se formas herdadas, atribuindo-lhes novas funcionalidades em função das mudanças sociais (MORAES, 2002).

Destarte, considerando essas proposições, têm-se pois o rio São Francisco como um território, um território, uma vez que as populações que vivem em suas margens, pela apropriação funcional e simbólica estabelecem “[...] uma convivialidade, uma espécie de relação social, política e simbólica [com o território] e, simultaneamente, estabelecem sua identidade cultural [e territorial]” (ALMEIDA, 2008, p. 58).

Esse território líquido, móvel, flutuante, diverso e funcional, é também um espaço de representação simbólica, pois existe:

[...] uma profunda e rotineira relação das pessoas com o rio [...]. Neste viver de águas, os moradores do rio São Francisco e de suas margens se articulam permanentemente para criar espaços e condições de vida, de reprodução cultural e social. (SOUZA, 2013, p. 228).

Assim sendo, ao estabelecer articulações com o território para criar condições de vida, de reprodução cultural e social, as populações ribeirinhas estabelecem uma identidade com o território, que se afirmam na relação entre o território e a cultura. Enquanto território, o mesmo “[...] é um referencial fundamental na construção das identidades [pois], a relação dos homens para com os



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

seus territórios expressa e transcende a ‘posse’ material de uma porção da superfície terrestre” (CRUZ, 2011, p. 108).

Para Haesbaert (1999, p. 172/178):

[...] toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das idéias (*sic*) quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social. [...] trata-se de uma identidade em que um dos aspectos fundamentais para sua estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto concreto.

Assim o rio é o referente espacial, que afirma a identidade nas comunidades ribeirinhas, uma identidade social e territorial. Destarte considera-se que “[...] toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território.” (ROSENDHAL, CORRÊA, 1999.p. 172). O rio é “[...] fonte de significados e de experiências [para esse] [...] povo.” (CASTELLS, 2000, p. 21). E sob a influência do rio, no fluir de suas águas, que relações sociais, materiais e culturais se desenvolvem e se fortalecem, nos direcionando a pensar que “[...] devemos começar por destrinchar o elo, a nosso ver indissociável, entre território e cultura ou, mais especificamente, entre território e identidade” (HAESBAERT, 2007, p. 35).

Nesse entendimento, afirma-se que na construção da identidade territorial, dois elementos devem ser considerados que são o espaço de referência identitária e a consciência socioespacial de pertencimento. O espaço de referência identitária é o recorte espaço-temporal, que se traduz nos usos, nas formas de organização do espaço, produção, consumo, circulação e nas representações espaciais, expressas como simbolização e formas de significação. Essas práticas e essas representações espaciais serão responsáveis pela construção dos sentimentos e do significado de pertencimento dos grupos em relação a um território: “[...] o território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence.” (SANTOS, 2002, p. 96). Esse sentimento, assim como o território é uma construção histórica, que se estabelece a partir das práticas e vivências com e no território.

Na construção da identidade, sobretudo a identidade territorial, as territorialidades tem um papel fundamental, pois as mesmas se expressam nas relações do indivíduo com seu meio de referência, como



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

“[...] um comportamento vivido, [...] [e] engloba, [...], a relação com o território [...] Ela inclui aquilo que fixa o homem aos lugares que são seus [...]” (BONNEMAISON, 2002, p. 107). Assim são resultado de uma vivência cotidiana com o território e estão presentes no “[...] desenrolar de todas as atividades diárias que se efetivam, seja no espaço de trabalho, do lazer, da família, etc, resultado e condição do processo de cada território” (SAQUET, 2010, p. 26).

Em se tratando do território essas territorialidades se expressam nas atividades diárias, nas práticas sociais, nas relações materiais e simbólicas, no pertencimento e na identidade territorial continuamente reafirmada com o espaço. Dessa forma, é necessário pois entender que o território, as territorialidades e as identidades são entendidos como processos indissociáveis, como uma “trama”. Apreende-se que a construção de um território pressupõe a criação de vínculos territoriais que por sua vez refletem formas próprias de viver e de pertencer a um território, um espaço social e também cultural (SOUZA, 2013).

Os vínculos territoriais são entendidos como um processo construtivo, definido no tempo-espaço e resultam das ações ou das práticas sociais, relações criadas material e simbolicamente pela ação dos sujeitos sobre o tempo e o espaço (HEIDRICH, 2009). Variam de acordo com os sujeitos e grupos sociais. Cada grupo de modo específico estabelece relações com seu território. Esses vínculos produzem o sentimento que tornam o indivíduo parte do seu território.

Estar no rio, pescar, tomar banho, cultuar os santos, ter no rio uma inspiração para vida, são sentimentos que tornam estes sujeitos enraizados, conectados ao seu território, que lhes possibilitou uma existência. Portanto, são vínculos criados e fortalecidos, na sua relação com espaços de vivência, com o território e mostram as “[...] relações diretas com a natureza, simbolizadas pela forma de uso e apropriação do território criados e desvelados a partir das nuances da vida social dos sujeitos, na sua relação com espaços de vivência.” (SOUZA, 2013, p. 257).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III. Metodología

Para estabelecer uma relação entre o campo empírico e teoria, o artigo em questão tem como alicerce a abordagem da pesquisa qualitativa, ancorada nos seguintes pressupostos:

- a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave, sendo prioritariamente descritiva.
- os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e produtos;
- o significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa, com dados analisados indutivamente (TRIVIÑOS apud BOGDAN, 1987).

Os dados que deram origem ao artigo em questão, foram coletados no período de Agosto de 2016 a Julho de 2017. Ao longo da pesquisa realizou-se um levantamento bibliográfico das obras sobre as temáticas pesquisadas, que possibilitaram a construção de um quadro de referencial teórico sobre território, identidade, identidade territorial e vínculos territoriais. Concomitante, com o levantamento bibliográfico, realizou-se uma pesquisa sobre os municípios que compõem o Baixo São Francisco alagoano, e a partir desse momento selecionou-se os municípios de Penedo, Piaçabuçu e Igreja Nova, municípios que estão sob influência da foz do rio São Francisco. O recorte realizado se justifica em função da natureza do estudo de caráter exploratório e qualitativo.

Como fonte para catalogação das comunidades ribeirinhas, foram consultados os arquivos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Colônia de Pescadores e Secretarias de Agricultura dos respectivos municípios. Em Penedo destacamos as comunidades: Ponta Mofina, Ilha das Canas, Catrapó, Marizeiro e Ilha do Jegue. Em Piaçabuçu: Potengy, Pixaim, Penedinho, Sudene, Mandim e Bonito. E em Igreja Nova catalogamos as comunidades Cajueiro, Chinaré, Bomba e Tapera.

De posse das informações elaborou-se um roteiro de campo para observação das comunidades, considerando os objetivos da pesquisa, com destaque para observação de aspectos relacionados à organização da comunidade, infraestrutura, atividades produtivas, vivência cotidiana com o rio (lazer, trabalho). Considerado a natureza da pesquisa, selecionamos as comunidades de Ponta Mofina, Catrapó, Potengy, Pixaim, Penedinho, Sudene, Cajueiro e Chinaré, para observação simples do



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

objeto de estudo, visitando o maior número de comunidades ribeirinhas, de acordo com a acessibilidade.

Após a fase de observação nos povoados, optou-se pela realização da pesquisa em dois povoados, Catrapó (Penedo) e Sudene (Piaçabuçu), que tem em comum, o fato de possuir sua organização socioespacial influenciadas pelo rio São Francisco e a pesca artesanal como atividade de sustento das famílias.

Com a definição dos povoados escolhidos, elaborou-se um roteiro de entrevista semiestruturado para a realização da investigação sobre as vivências, práticas sociais, identidades, territorialidades e vínculos territoriais com os moradores das comunidades selecionados. As entrevistas foram realizadas com moradores locais, escolhidos aleatoriamente, seguindo a dinâmica da rotina dos entrevistados, em suas casas, perto do rio, nos quintais de casa. Foram realizadas dez entrevistas na comunidade Catrapó e onze na comunidade Sudene, totalizando vinte e uma entrevistas.

As falas foram transcritas de forma literal, tal como foram gravadas, conservando na escrita aspectos como pronúncia, contração de vocábulos, subtração de letras, e “erros de pronúncia”, sendo as falas organizadas conforme as categorias que sustentam o objeto de estudo. Os sujeitos entrevistados tiveram suas identidades resguardadas e foram numerados e identificados. As falas foram utilizadas para evidenciar os objetivos atingidos, que serão expressos nas discussões e resultados. O quadro a seguir sintetiza as normas utilizadas para transcrição das mesmas:

Quadro 01 - Normas utilizadas para transcrição das entrevistas

Ocorrências	Sinais	Exemplos
Supressão de falas	[...]	“[...] Esse rio significa vida, é minha vida é o rio [...].”
Complemento de fala	[]	“Pra mim tudo na vida é o rio. [O rio] é a alegria maior do mundo que eu tenho.”
Contração de expressão ²	/	Né (NÃO É). [...] Mas sou mais pescador. Quando tem um trabalho vou trabalhar n/é? [...].”

Fonte: Adaptado de Fernandes (2007).

Org.: DOURADO, Auceia Matos (Nov/2017).

² “Essa medida utilizada visa mostrar a expressão como contração e não como erro.” (FERNANDO, 2002, p. 119).



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

IV. Análises e discussão dos dados

O trabalho em questão foi pensado buscando-se realizar uma leitura sobre das comunidades que vivem sob a influência do rio São Francisco, um espaço que é um referente identitário (espaço físico, social e simbólico), e fonte de significados e pertencimento. Acredita-se, pois que o rio é o referente espacial que afirma a identidade nas comunidades ribeirinhas em questão, uma identidade social e territorial. É sob a influência do rio que as relações sociais, materiais e culturais se desenvolvem e se fortalecem.

No recorte específico do plano de trabalho, utilizamos falas, descrições e narrativas dos moradores das comunidades para ilustrar e registrar os referenciais que norteiam a construção das identidades nessas comunidades, com destaque para as categorias território, identidade, pertencimento, territorialidades e os vínculos territoriais, que são criadas material e simbolicamente pela ação dos sujeitos sobre o território (HEIDRICH, 2009). Já as territorialidades são “[...] simultaneamente, resultado, condicionantes e caracterizadoras da territorialização e do território.” (SAQUET, 2010, p. 127). Ela resulta da ação do sujeito sobre o território, ação que vai permitir “[...] fixação, separação, uso, posse, [...] resultam nas marcas objetivadas pela busca do domínio sobre o espaço.” (HEIDRICH, 2009, p. 275).

A história de formação das comunidades Sudene e Catrapó se assemelham pois se relacionam as cheias do rio São Francisco nos anos setenta. O Catrapó recebeu os primeiros moradores vindos, principalmente do povoado Pindoba no estado de Sergipe e o Sudene foi formado por uma população proveniente de ilhas fluviais: “[...] das ilhas se formou o povoado Sudene. As pessoas que vieram pra cá, vieram por causa da grande enchente e formaram o povoado Sudene [...]. Vieram pessoas do Gundim, [...] da ilha Teresa, vieram de todas as ilhas [...], o único lugar que não encheu foi aqui.” (Ribeirinho 02 – 48 anos - Sudene).

A comunidade Sudene, atualmente com 250 famílias e cerca de 800 pessoas, se formou seguindo o curso do rio e se desenvolveu linearmente ao longo de uma única rua. Embora classificado como povoado rural possui características urbanas com praça, posto de saúde, quadra de esportes, bares, mercearias, restaurantes, igreja, escola e estaleiro. As casas com fundo voltado para



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

o rio, são na sua maioria de alvenaria e dizem os ribeirinhos que seus quintais são o próprio rio. Nesse espaço crianças brincaram, pescadores tecem suas redes, preparam os barcos para pescaria, conversam com vizinhos, ou simplesmente olham o Velho Chico e apreciam sua beleza.

A pesca artesanal é a principal fonte de renda do povoado, um trabalho realizado pela família e com divisão social, pois as mulheres além de pescar são também responsáveis pela limpeza (extração de escamas e vísceras) e beneficiamento do pescado. Fabricando seus próprios apetrechos, com destaque para as redes, a pesca além de um meio de sobrevivência é também característica de um modo de vida, pois denota conhecimentos específicos de quem vive sob a influência cultural do rio.

A comunidade Catrapó, situado na zona rural do município de Penedo, é um povoado pequeno, com 45 famílias e cerca de 170 habitantes. Possui características rurais, com casas esparsadas, em sua maioria de taipa, sem água encanada, além da carência de outros serviços básicos como posto de saúde, transporte, e escolas do ensino fundamental maior e médio. As terras onde os moradores constroem suas casas e praticam a agricultura (quintal) pertencem à Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba – *CODEVASF*, que por meio de um contrato de uso, renovado anualmente, faz a cessão aos moradores.

Em se tratando das estratégias de reprodução das famílias, a pesca artesanal, a agricultura, o trabalho nas usinas de cana, além das transferências públicas, são responsáveis pela manutenção das famílias. A produção agrícola e pesca se destinam ao consumo da família, com venda esporádica já que quase não há excedente.

Apesar dos povoados apresentarem vivências e características diferentes, pois um apresenta traços rurais com a pesca e agricultura como forma de subsistência e do outro ser urbano com forte predominância para turismo, tendo pesca, sobretudo para fins comerciais, acrescenta-se como fato comum a relação direta com rio como fonte de sobrevivência e como espaço de referência identitária.

As entrevistas realizadas permitiram que os entrevistados contassem suas histórias, falassem sobre seu cotidiano, vivências e experiências com liberdade. Nesse diálogo apreendemos a afetividade, o respeito e a reverência ao rio São Francisco. Assim foi possível destacar os



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

significados que permeiam a apropriação do rio São Francisco pela população ribeirinha das comunidades.

Destarte a ideia de apropriação que permeou a pesquisa se vincula as proposições de Moraes (2002), quando argumenta que a apropriação do território resulta na valorização do espaço apreendida como processo histórico. Essa “[...] apropriação [...] implica a constante reavaliação das formas herdadas, atribuindo-lhes uma funcionalidade em face da organização social vigente” (MORAES, 2002, p. 54).

Apontamos nesse sentido, duas representações do rio para os ribeirinhos: uma representação que envolve os aspectos funcionais, o uso e reprodução da vida nas comunidades e outra representação permeada pela afetividade, pela simbologia e pelo sentido de pertença, que se alicerça nos vínculos territoriais.

Como representação funcional, referente material, meio de sobrevivência, o rio significa lar, repouso, abrigo físico, fonte de recursos materiais (matérias-primas), meio de produção (HAESBAERT, 2005; 2004). Um lugar onde se produz e se reproduz a existência, onde se afirma um modo de vida que tem relação direta com as vivências relacionadas o trabalho e a(s) identidade(s) construída(s) a partir dessa relação: [...] *Eu me tornei uma pescadora [...] meu pai pescava, nós tratava os peixe, minha mãe vendia na feira [...] me casei também com um pescador e minha vida foi pescar.* (Ribeirinha 01- 64 anos - Sudene). *“Rapaz o rio é tudo [...]. O que eu mais gosto no rio é a água, é essencial, é a vida. Água é vida. Não sei viver longe do rio, até porque eu sou do sertão e lá a dificuldade é muito grande. Ai eu cheguei por aqui e acho que daqui eu não saio, só por morte.”* (Ribeirinho 07 - 50 anos – Catrapó).

O rio esta presente na vida das comunidades em todos os aspectos: *“O rio é utilizado quase pra tudo. Lavar roupa, pescar, passear, porque a gente pesca no rio, a gente lava alguma roupa no rio, quando não tem água nas torneiras a gente desce pra lavar no rio e tomar banho.”* (Ribeirinha 01- 64 anos - Sudene). *“A gente pega água, como a gente aqui não tem saneamento básico a gente pega água do rio pra tomar, então, irrigação a gente faz na roça [é com agua] do rio, toma banho.”* (Ribeirinho 07 – 50 anos – Catrapó).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Outra representação marcante na vivência em campo foi a apropriação do rio como representação simbólica e como referente identitário. Esse aspecto foi citado Cruz (2006) ao pesquisar as comunidades ribeirinhas no Amazonas, quando enfatiza a importância da presença simbólica do rio como elemento que singulariza a cultura de um povo.

Nesse sentido, “ser do rio”, “pertencer ao rio”, ir ao rio “somente para pensar” ou para “apreciar sua beleza”, traduz um processo de identificação com esse espaço, que ultrapassa a funcionalidade, pois a afirmação de um território enquanto espaço de reprodução da vida pressupõe a criação de vínculos territoriais, que conjuga o viver e o pertencer ao território: “[...] *Esse rio significa vida, é minha vida é o rio. Uma coisa que eu nunca vi, eu pensei que não era isso, mas depois que a minha idade chegou eu vi que a minha vida era esse rio [...]*”. (Ribeirinho 02- 48 anos – Sudene). “[...] *[suspiro]... aí eu sinto a maior felicidade da minha vida [expressão de lembrança], porque o rio me deu muita coisa, me deu de comer pra eu sobreviver e criar meus filhos.*” (Ribeirinho 08- 67 anos – Catrapó).

Viver e pertence ao “mundo do rio” é partilhar de um mesmo espaço-tempo, das mesmas tramas socioculturais, pois o rio representa: “Uma vida, um modo de vida. As pessoas [...] vivem no/do rio. Entendem e utilizam o Rio São Francisco como um território de apropriação material e simbólica.” (SOUZA, 2013, p. 210): “[...] *Pra mim não tem coisa melhor não, que morar perto do rio [...]. Acordar de manhã e quando levanta a água ali, beirando ali.* (Ribeirinho 04- 35 anos – Sudene). “*Não deixo o rio por nada, se eu saí daqui vou procurar mais para baixo, mas perto do rio mais largo.*” (Ribeirinho 10 - 70 anos – Catrapó).

Notamos assim a construção do pertencimento ao território bem como a identidade construída a partir dos vínculos territoriais. Esses vínculos se firmam pelas territorialidades expressas nas atividades diárias, nas práticas sociais, nas relações materiais e simbólicas, no pertencimento e na identidade territorial continuamente reafirmada com o territó-rio. Esse território é recurso, abrigo, religião, meio de vida, mas é, sobretudo o símbolo de uma relação de pertencimento, pois: “[...] *Esse rio significa vida, e minha vida é o rio*”. (Ribeirinho 02- 48 anos - Sudene). “*Pra mim tudo na vida é o rio. [O rio] é a alegria maior do mundo que eu tenho.*” (Ribeirinha 08 – 67 anos – Catrapó).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusão

As observações permitiram destacar a relação direta dos moradores com o rio São Francisco utilizando suas águas para diferentes fins. Isso demonstra que o rio é parte da vivência cotidiana das pessoas. O rio é, pois, parte da rotina e do lazer. É funcional, pois é fonte de “recursos naturais” – “matérias-primas”, e é simbólico, pois é fonte de representação e cultura (HAESBAERT, 2004).

O São Francisco está presente no cotidiano dos moradores das comunidades Sudene e Catrapó em todos os aspectos, quer seja nas vivências, como fonte de recurso, quer seja como referência de pertencimento, identidade, simbologia e fé. Esses aspectos foram evidenciados nas falas, nas expressões e nas narrativas sobre suas relações com o rio.

Percebeu-se que os moradores não sabem viver longe dali, dessa maneira, nota-se a construção do pertencimento ao território bem como a identidade construída a partir dos vínculos territoriais que os mesmos estabelecem com o território e com o rio. Um territó-rio que é fonte de significados, expressos nas territorialidades desse espaço apropriado funcional e simbolicamente: “[...] Não, eu posso ficar um dia na casa da minha filha, um mês, dois meses, mas eu não gosto não de ficar longe da beira do rio, aqui é muito melhor, muito divertido”. (Ribeirinha 01- 64 anos - Sudene).

Observou-se o sentimento de pertencimento dos moradores com o rio São Francisco, no ir e vir, na prática das atividades do dia a dia, na vida pacata e mesmo nas dificuldades encontradas na vida cotidiana (acesso dificultado em função do transporte, saúde, falta de saneamento básico).

A comunidade Catrapó é considerada um povoado rural e tem a agricultura e pesca como fonte de sobrevivência da comunidade. A comunidade Sudene possui características urbano, e é conhecido pela produção de diversos produtos artesanais pesqueiros, com para os barcos confeccionados no estaleiro da comunidade. Na comunidade Sudene, além de possuir a pesca como maior fonte de renda dos moradores, predomina também o turismo, pois, como esta situado as margens do Velho Chico³, é um ponto atrativo para aqueles que buscam apreciar o rio. Os bares e restaurantes ofertam aos turistas comidas típicas da região, bem como passeios para sua foz. Assim

³ O rio São Francisco também é conhecido como Velho Chico.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

destaca-se que mesmo com diferenças, o ponto comum dessas comunidades é a forma de apropriação e de pertencimento ao território vivido (rio).

O rio, portanto, está presente na vida das populações ribeirinhas estudadas em todos os aspectos, como fonte de alimento, nas tarefas diárias, no cotidiano de cada ribeirinho. Deste modo, as identidades e os vínculos territoriais são fortalecidos a partir do espaço de referência identitária que é o rio São Francisco.

O rio tem ligação direta com a vida, com a fé e com o sentido simbólico de cada morador. As regras de convivência, o cotidiano, símbolos, sentimentos e pertencimento ao lugar permitem que os moradores caracterizem sua própria identidade. Nesse território, em que constroem suas identidades, é um território vivido que se afirma nas atividades diárias, nas relações simbólicas e materiais. Usufruem do rio como um privilégio, uma dádiva e constroem cotidianamente, territorialidades que refletem a multidimensionalidade do vivido territorial.

Entende-se que as comunidades citadas possuem uma relação material com rio, que é fonte de sobrevivência, mas também uma representação simbólica, pois existe “[...] uma profunda e rotineira relação das pessoas com o rio [...]” (SOUZA, 2013, p. 228): “[...] *minha tendência é só sair daqui quando Deus me levar*” (Ribeirinho 12 - 55 anos - Sudene).

Assim, destaca-se que vivenciar o cotidiano dessas populações, as maneiras como são construídas as identidades e os vínculos territoriais, a partir do espaço de referência identitária (rio) enriquece a prática da pesquisa e nos insere num universo rico de significados.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

ALMEIDA, Maria Geralda de. Diversidade paisagística e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine Costa. (Orgs.). **Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia: Vieira, 2008.

CASTELLS, Manoel. **O poder da identidade**. Tradução de Klaus Brandini Gerhardt. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeni. (Orgs.). **Geografia cultural: um século (03)**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2002. p. 83-131.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeni. (Orgs.). **Geografia cultural: um século (03)**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2002. p. 83-131.

CRUZ, Valter do Carmo. **Pela outra margem da fronteira: território, identidade e lutas sociais na Amazônia**. 2006. 199 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). PósGeo. Universidade Federal Fluminense/UFF. Rio de Janeiro, 2006.

_____. **Lutas sociais, reconfigurações identitárias e estratégias de reapropriação social do território na Amazônia**. 2011. 368 f. Tese (Doutorado em Geografia). Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFF, Niterói, 2011.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **(Re)tratos discursivos do sem-terra**. Uberlândia: EDUFU, 2007.

HAESBAERT, Rogério. Des-caminhos e perspectivas do território. In:_____. RIBAS, Alexandre Domingues; SPOSITO, Eliseu Savério; SAQUET, Marcos Aurélio. **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**. 2. ed. Francisco Beltrão: Editora da UNIOESTE, 2004.

_____. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAÚJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBAERT, Rogério (Org.). **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007. p. 33-56.

_____. Identidades territoriais. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeni. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1999. p. 169-189.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Conflitos territoriais na estratégia de preservação da natureza. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. Cap. 13, p. 271/290.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

MORAES, Antonio Carlos Robert de. **Território e história do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2002.

SAQUET, Marco Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2002.

SOUZA, Angela Fagna Gomes de. **Ser, estar, pertencer: vínculos territoriais das gentes que povoam as margens e as ilhas do Rio São Francisco**. 2013. 292f. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2013.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Pesquisa qualitativa. In: _____. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.